

É possível, ecumenicamente, uma unidade visível? Is visible unity possible ecumenically?

Aguinaldo Ferreira dos Santos¹
Kemuel Lourenço Figueira Andrade²

BAKER, Josiah. **A visible unity**: Cecil Robeck and the work of ecumenism. Lanham: Fortress Academic, 2024. 264 p.

INTRODUÇÃO

No início, a obra propõe uma análise teológica e histórica da contribuição de Cecil Robeck ao ecumenismo cristão global, com ênfase especial no papel do pentecostalismo nesse processo. Longe de oferecer apenas uma biografia teológica, o autor constrói uma eclesiologia aplicada a partir das experiências ecumênicas de Robeck, combinando narrativa histórica, reflexão teológica e prática pastoral. O livro busca uma contribuição para os estudos ecumênicos, e um reposicionamento do pentecostalismo no cenário global da unidade cristã.

1 ROBECK E A ECLESIOLÓGIA PENTECOSTAL EM CHAVE ECUMÊNICA

O primeiro bloco do livro é dedicado à eclesiologia na atuação ecumênica de Robeck. O autor explora como a experiência pentecostal do Espírito é interpretada não apenas como fenômeno carismático, mas como fundamento teológico da comunhão eclesial. Essa abordagem permite ao autor articular a tensão entre a espiritualidade pentecostal (frequentemente individual e experiencial) e os compromissos estruturais do movimento ecumênico (dialogal, institucional, multilateral).

O argumento central é que Robeck transita entre essas esferas por meio de uma “eclesiologia carismática de convergência”: uma proposta onde os dons do Espírito não fragmentam, mas aproximam. O autor do livro demonstra que a prática do testemunho, a abertura ao outro e a oração conjunta não são concessões diplomáticas, mas expressões autênticas da identidade pentecostal quando orientadas pelo desejo da unidade visível da Igreja.

¹ Doutor e mestre em Gestão da Informação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Bacharel em Administração pela Unifacear Centro Universitário. Professor-tutor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Contato: aguinaldo.santos@pucpr.br.

² Doutorando em Teologia na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Mestre e bacharel em Teologia pela Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Contato: pastorkemuel@gmail.com.

2 MEMÓRIA, RECONCILIAÇÃO E A QUESTÃO RACIAL NO PENTECOSTALISMO NORTE-AMERICANO

No segundo capítulo, Baker faz uma análise crítica da história do movimento pentecostal, particularmente nos Estados Unidos, e sua relação com as divisões raciais. Ele explora a maneira como, apesar das suas origens inclusivas, como as que foram evidenciadas no avivamento da *Rua Azusa* (1906), o pentecostalismo acabou se fragmentando com o tempo, em grande parte devido a questões raciais e socioeconômicas.

O autor segue a linha de pensamento de Robeck, que acredita que a unidade racial dentro do movimento pentecostal é uma chave para a unidade eclesiológica mais ampla. A reconciliação das memórias históricas, incluindo as experiências de segregação, ainda pesam sobre as comunidades pentecostais, mas, ao mesmo tempo, oferecem uma oportunidade para cura e restauração dentro da Igreja. Robeck, no entanto, vai além ao sugerir que, para que haja verdadeira reconciliação, o pentecostalismo precisa entender que sua história é compartilhada não só entre os seus membros, mas também com as outras tradições cristãs que fazem parte do movimento ecumênico.

O trabalho de Robeck propõe a ação em nível local, onde igrejas pentecostais são incentivadas a trabalhar para superar divisões raciais e sociais. Essa visão se alinha com o ecumenismo, que busca não só o entendimento entre diferentes denominações, mas também a transformação das comunidades através da solidariedade e do diálogo profundo.

3 O CONSELHO MUNDIAL DE IGREJAS: UMA PERSPECTIVA PENTECOSTAL

O terceiro capítulo do livro aborda os esforços de Robeck para inserir os pentecostais no Conselho Mundial de Igrejas (CMI), uma organização ecumênica que, historicamente, foi dominada por igrejas tradicionais, como católicos, luteranos e ortodoxos. A inclusão dos pentecostais no CMI é um ponto central na obra de Robeck e na estratégia ecumênica de Baker. Não se trata apenas de representação, mas de compreensão de como as tradições carismáticas podem contribuir de maneira significativa para o movimento ecumênico, especialmente no contexto da globalização religiosa.

Baker argumenta que a postura de Robeck é uma tentativa de integrar a vivência pentecostal ao diálogo ecumênico, sem que isso signifique perder a identidade do movimento. Ao contrário, ele propõe uma troca que enriquece o CMI, oferecendo um olhar renovado sobre a ação do Espírito e a vivência da Igreja. Robeck, portanto, não apenas defende a presença do pentecostalismo em círculos ecumênicos, mas também destaca o papel da espiritualidade pentecostal como um catalisador de unidade.

É possível, ecumenicamente, uma unidade visível?

4 O ECUMENISMO ESPIRITUAL E OS DIÁLOGOS BILATERAIS

A proposta de Robeck para os diálogos bilaterais nesse capítulo em especial, vai além da mera troca de ideias teológicas e doutrinárias. Ele defende que o ecumenismo deve se tornar uma prática espiritual compartilhada, com foco na oração comum e na experiência do Espírito Santo. Ao estabelecer uma “espiritualidade de encontro” (em vez de uma abordagem apenas teórica ou política), Robeck sugere que as divisões doutrinárias podem ser superadas por meio de uma vivência comum da fé.

Baker ainda destaca que, no contexto pentecostal, os diálogos bilaterais não devem se limitar à construção de consensos doutrinários, mas incluir uma vivência compartilhada, com destaque para os dons espirituais, como o falar em línguas e as manifestações carismáticas. Para Robeck, essas práticas não são apenas sinais de individualidade, mas têm o potencial de transformar e enriquecer as relações intereclesiás.

5 AS RAÍZES PATRÍSTICAS E AS CONTROVÉRSIAS CARISMÁTICAS

O quinto capítulo do livro examina a relação entre as tradições patrísticas e as manifestações contemporâneas do Espírito Santo dentro do movimento pentecostal. O autor explora como Robeck vê a continuidade da experiência do Espírito desde os primeiros séculos da Igreja até o pentecostalismo moderno. A conexão com os pais da Igreja não é apenas teológica, mas também histórica e espiritual, pois Robeck acredita que as práticas carismáticas não são uma invenção moderna, mas parte de uma rica herança cristã.

No entanto, a questão das controvérsias carismáticas também é abordada. A divisão entre os cristãos que aceitam as manifestações do Espírito e os que as rejeitam continua sendo uma barreira significativa no ecumenismo. Robeck, ao defender o papel central do Espírito Santo na vida da Igreja, busca um caminho que reconcilie essas tradições, mostrando que a experiência do Espírito não é algo que causa divisão, mas um ponto de convergência que pode unir os cristãos em torno de uma vivência comum da fé.

6 DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS E O FUTURO DO ECUMENISMO PENTECOSTAL

O sexto capítulo aborda os desafios contemporâneos que o movimento ecumênico enfrenta, especialmente dentro do contexto pentecostal. Baker discute como Robeck vê o futuro do ecumenismo pentecostal em um mundo pluralista e secularizado. A ênfase de Robeck está na necessidade de as igrejas pentecostais se engajarem mais profundamente nas questões sociais, políticas e ambientais, sem perder sua identidade carismática.

O autor propõe que o movimento pentecostal, ao focar em uma espiritualidade transformadora e inclusiva, pode desempenhar um papel vital na construção de uma unidade cristã visível e prática no mundo contemporâneo.

CONCLUSÃO

Em *A visible unity*, Josiah Baker apresenta uma análise profunda da teologia e da prática ecumênica de Cecil Robeck, abordando a inclusão dos pentecostais no movimento ecumônico e destacando a relevância de uma espiritualidade compartilhada. Baker não só recupera a história do movimento pentecostal, mas também oferece uma proposta teológica e prática para um ecumenismo mais inclusivo e dinâmico. A obra é uma contribuição essencial para os estudiosos do ecumenismo e do pentecostalismo, oferecendo novos insights sobre como a unidade visível da Igreja pode ser alcançada, a partir da ação do Espírito Santo, através do diálogo e da prática comuns.

ANÁLISE

O livro se aprofunda no tema do ecumenismo e da unidade visível entre as igrejas cristãs. Trata-se de um estudo de teologia sistemática com foco na metodologia ecumênica e na convergência eclesiológica, e oferece uma teologia para aqueles que veem a unidade não apenas como uma ideia, mas como um chamado e uma esperança certa.

O livro estuda a eclesiologia contando histórias sobre a vida e o pensamento de Cecil Robeck, um proeminente ecumenista pentecostal. Baker narra as atividades de Robeck ao longo de décadas de liderança em ambientes ecumênicos americanos e globais, oferecendo uma janela para a interrelação de diferentes porções do movimento ecumônico e como ele mudou ao longo dos anos. O autor usa materiais de arquivo e entrevistas pessoais para trazer à tona histórias inéditas sobre o ecumenismo.

O esforço de Baker em apresentar a obra de Cecil Robeck e sua dedicação de vida no estabelecimento do ecumenismo em âmbito pentecostal norte americano, não é apenas uma expressão de inteligência, mas uma grande iniciativa para uma global comunhão ecumênica.

Robeck é professor de História da Igreja e Ecumenismo, além de diretor do Centro de Espiritualidade Cristã David Du Plessis no Fuller Theological Seminary. Ministro ordenado das Assembleias de Deus, Robeck também trabalhou com questões ecumênicas por quase 30 anos com o Conselho Mundial de Igrejas, o Vaticano, a Aliança Mundial (agora Comunhão) das Igrejas Reformadas e outros grupos. Ele atua como consultor do presidente do Comitê de Lausanne para Evangelização Mundial para relações de longo prazo com o Vaticano. Nos últimos 14 anos, Robeck atuou no comitê-diretor do Fórum Cristão Global. Ele também participou com o papa João Paulo II de eventos em Roma e Assis. Há 19 anos, ele se reúne anualmente com os Secretários das Comunhões Cristãs Mundiais e aparece regularmente como palestrante em transmissões do Encontro Religioso Americano. O contraponto na obra consiste em três sentidos.

1) Nem sempre a voz de uma pessoa é a voz do todo no movimento em que se está inserido. É fundamental entender que, mesmo em um grupo ou movimento coeso, a opinião ou a perspectiva de um único indivíduo raramente representa a totalidade dos pensamentos,

É possível, ecumenicamente, uma unidade visível?

sentimentos ou objetivos do coletivo. Isso acontece por várias razões, como: a diversidade de experiências e opiniões, a representatividade, os interesses particulares, a estratégia e comunicação, a evolução do pensamento. Em síntese, é crucial ao leitor da obra, reconhecer a pluralidade de vozes que compõem um movimento. A voz de um indivíduo é importante e contribui para o todo, mas ela é apenas uma parte do mosaico, e não o mosaico completo. Ouvir e considerar as diversas perspectivas é o que realmente fortalece e dá legitimidade a qualquer movimento.

2) Baker se coloca como um verdadeiro apreciador de Robeck, isso dilui a capacidade dele em perceber pontos de dificuldades práticas dentro do movimento pentecostal. Quando um autor ou pesquisador (Baker, neste caso) aborda o trabalho de outro (Robeck) com uma admiração profunda, há o risco de que essa admiração nublar sua capacidade de análise objetiva. Isso se manifesta de algumas formas: por viés de confirmação, falta de distanciamento crítico, minimização de dificuldades, perda da perspectiva empírica, ausência de contrapontos. Talvez em uma tentativa de ofuscar essa admiração, Baker constantemente em sua obra trata de questões metodológicas. Em suma, a crítica sugere que Baker, ao se posicionar como um admirador de Robeck, adota uma lente que, embora positiva, o impede de enxergar o panorama completo, especialmente as nuances e os obstáculos práticos que permeiam o movimento pentecostal. É como se a luz da admiração fosse tão forte que criasse sombras nas áreas onde a crítica e a análise das dificuldades seriam mais necessárias.

3) Fica uma grande indagação no ar: é possível uma acolhida a esta obra pelo movimento pentecostal brasileiro? Aqui, não se trata de um resposta a esta pergunta, mas apenas algumas observações necessárias: a) é importante notar que o próprio pentecostalismo brasileiro é muito heterogêneo; as grandes denominações clássicas (como Assembleias de Deus e Congregação Cristã no Brasil) têm posições mais tradicionais e, muitas vezes, mais reticentes ao ecumenismo formal; já as igrejas neopentecostais ou as “ondas” mais recentes podem ter abordagens variadas, e algumas, em seu foco em “batalha espiritual” ou prosperidade, podem se afastar ainda mais do diálogo intereclesiástico; b) a questão da visão de “unidade” *versus* “verdade”: para muitos pentecostais, a “unidade” cristã deve estar fundamentada na “verdade” bíblica – conforme a sua interpretação (isso consiste uma série de implicações) – e, assim, percebem o movimento ecumênico como relativização doutrinária ou sincretismo, somado há uma preocupação com a preservação da identidade doutrinária; c) embora o pentecostalismo brasileiro, em sua maioria, ainda seja cauteloso ou resistente ao ecumenismo formal (especialmente com denominações históricas ou a Igreja católica), há sinais de que a acolhida é possível e está em andamento em diferentes frentes; o diálogo acadêmico, as ações sociais conjuntas e a crescente compreensão mútua entre algumas lideranças e membros podem, aos poucos, abrir mais portas para uma cooperação e um reconhecimento mútuo, mesmo que a plena unidade doutrinária permaneça um desafio distante para muitos.

A visible unity de Josiah Baker é uma obra significativa para aqueles interessados na história, teoria e prática do movimento ecumênico, com um foco particular na influência e nas contribuições do pentecostalismo para a busca da unidade cristã. Uma vez publicado em língua portuguesa, poderá ser bravamente útil ao pentecostalismo brasileiro na compreensão da necessidade da unidade cristã.

A obra em si se revela uma literatura essencial e provocante para aqueles que buscam uma compreensão mais ampla sobre o ecumenismo. Escrito em estilo fluido, em conteúdo relevante e esclarecedor, a obra não apenas informa, mas também convida a uma reflexão: é possível, ecumenicamente, uma unidade visível? 

REFERÊNCIAS

BAKER, Josiah. **A visible unity**: Cecil Robeck and the work of ecumenism. Lanham: Fortress Academic, 2024.

Recebido em: 31/05/2025.

Aceito em: 25/06/2025.